

Formação de professores e competência científica - o espaço da Literatura Infantil

Rui Marques Veloso

É dominado por um misto de cepticismo e de crença no trabalho desenvolvido pelas acções de formação contínua do FOCO, assim como em módulos do *curriculum* dos cursos de Formação Complementar, que faço uma breve reflexão sobre a actividade de formador que tenho realizado desde o início da implementação destes projectos. Na verdade, constato que muitos professores se inscrevem em acções de formação contínua com a mera intenção de obter, da forma mais fácil, os créditos necessários à progressão na carreira, sem grandes preocupações com o alargamento das competências que conduzirão a um trabalho de melhor qualidade; a um outro nível, verifico que a progressão até ao topo da carreira vai exigir a professores sem licenciatura a frequência, com sucesso, de um curso de formação complementar, com componentes científica e pedagógica, que muitos gostariam que fosse um mero pró-forma para aceder ao objectivo imposto pelo Ministério da Educação. Reconheço, no entanto, que surgem sempre alguns colegas que investem na formação, alterando as suas práticas lectivas e empenhando-se de forma muito crítica e participada. É por estes últimos que continuo a acreditar que vale a pena tanto esforço e que a sementeira dará frutos.

A opção que fiz em termos temáticos tem a ver com dois vectores condicionantes de um ensino básico obrigatório que se pretende articulado ao longo de

nove anos (é óbvio que não se pode ignorar a primeira etapa da educação básica que é o pré-escolar): a actualização científica, por um lado, e a importância indiscutível dos dois primeiros níveis de escolarização – pré-escolar e 1º ciclo. Considero imensa a responsabilidade dos professores destes níveis na formação de indivíduos capazes de enfrentar os desafios que a sociedade lhes vai colocar; são professores generalistas que necessitam de ter uma visão global e interdisciplinar (e seria bom que todos soubessem o que é, de facto, a interdisciplinaridade) do processo de ensino-aprendizagem adequado ao nível de desenvolvimento dos seus alunos. Insisto na componente científica da formação, dado que o conhecimento perde actualidade com uma velocidade extrema. Assim, não é possível insistirmos em certas práticas vazias de conteúdo no aqui e agora em que nos inserimos. Tenho trabalhado, na formação contínua, em módulos de 25 e de 50 horas, a literatura infantil, como factor de sucesso escolar e, igualmente, como fonte de prazer das crianças; na formação complementar, os conteúdos, contemplando uma vertente informativa e uma outra prática, permitem uma abordagem sustentada desta literatura de forma a permitir uma efectiva actualização dos saberes dos professores conducente a uma eficaz consolidação do *querer ler* do conseqüente *poder de ler* por parte da criança.

Que espantosos pedagogos nós éramos, quando não nos preocupávamos com a pedagogia! – este desabafo de Daniel Pennac¹ poderia ser subscrito por muitos de nós. Não me vejam um crítico das ciências da educação; estas têm o seu espaço na investigação e na mudança das práticas pedagógicas. Pretendo, tão somente, sublinhar que elas não são tudo, ou seja, elas não podem secundarizar o saber científico que cimenta as aprendizagens dos nossos alunos. Lecciono há trinta e quatro anos e conheço bem os vários territórios por onde passei; estou cada vez mais ciente de que o professor tem de estar numa permanente actualização científica, secundada por uma cultura contextualizadora e filtrante, para ser capaz de dar resposta aos permanentes desafios que se lhe colocam (haverá profissão mais bonita do que a nossa que vê na rotina um inimigo a abater?) e poder contemplar, com olhos húmidos, o sucesso e o triunfo dos seus alunos. Ora, no respeitante à Língua Portuguesa, temos descurado a eficiência do nosso esforço; os resultados dos numerosos inquéritos e estudos no domínio da literacia provam que falhámos, por muito crentes que continuemos nos métodos adoptados. No final da segunda etapa do ensino básico, ou seja, no final do quarto ano de escolaridade, os alunos devem ser capazes de *executar leitura silenciosa, ler com clareza em voz alta, identificar as ideias principais de um texto, além de tomar a iniciativa de ler*². São numerosas as crianças que vão para a terceira etapa do ensino básico longe destas metas elementares. O retrato dos portugueses em termos de literacia é assustador. O abandono escolar no ensino básico levanta graves interrogações. A percentagem de indivíduos com habilitação superior (e competências superiores, acrescentaria eu) é diminuta em termos europeus. Perante diagnósticos tão

pessimistas, valerá a pena ter uma réstia de esperança? Creio que sim.

A língua materna e a matemática são matérias de base, estruturantes e garantidas de uma construção consolidada do saber. Desde cedo que as nossas crianças se habituaram a uma perspectiva hedonista da vida, sendo educadas num clima de grande permissividade. São frequentes os pequenos conflitos que surgem nas salas do jardim de infância ou da escola precisamente porque a criança não está habituada a ouvir um *não* às suas pretensões por parte do adulto; a autoridade é questionada e aqui começa a bola de neve que dará lugar às graves clivagens sentidas nos anos subsequentes. Não pretendo abordar aqui tão complexo problema que envolve evidentemente as famílias (para quando uma escola para pais?); pretendo somente dizer que desde muito cedo a criança tem de conviver com regras, impostas pelo convívio em sociedade; assim, no microcosmos que é a escola, ela aprenderá que há momentos de puro divertimento e outros de trabalho empenhado e que aprender não é, por natureza, uma situação lúdica, mas de esforço. Uma negociação clara, onde as regras fiquem bem definidas, ajudará a crescer e a responsabilizar.

Que papel está reservado à literatura infantil para justificar acções específicas dirigidas preferencialmente aos professores do pré-escolar e do 1º ciclo? Sem a sobrevalorizar, limito-me a dizer que ela pode ser – se formos capazes – o “ovo de Colombo” para a descoberta do prazer da leitura e consequente domínio da língua materna, não falando já das *proteínas* que ela fornece ao imaginário da criança. Andaremos todos distraídos ou não notámos já que as nossas crianças são alvo de

uma massificação castradora e o único antídoto para isso é criarmos alternativas para a sua imaginação e possível criatividade? Vejamos como o nosso património cultural é rico em rimas infantis e contos tradicionais; será que lhes temos dado este alimento em quantidade e qualidade? Os Jardins de Infância dispõem de pequenas bibliotecas com livros de qualidade, a começar pelos álbuns? As compras são feitas nas livrarias ou continuamos a investir nos produtos que os vendedores ao domicílio apresentam? E a literatura contemporânea? Será que os nossos bons autores convivem com os nossos alunos? Teremos reflectido com eles sobre os valores presentes nos textos literários e que dão aos homens a sua dimensão humana e social? Felizmente, muitas escolas dispõem já de biblioteca e de uma pequena mediateca - como é feita a sua animação? A *hora do conto*, como ritual puramente lúdico, tem sido concretizada, em termos de rigor na sua preparação e execução?

Pretendo simplesmente dizer a todos os colegas que as horas destinadas à língua materna implicam um trabalho linguístico, nas suas múltiplas vertentes, tendo sempre em conta a necessidade de desenvolvermos as competências da criança, a fim de construirmos seres livres que encontram na língua um factor de liberdade e um suporte do conhecimento; no caso específico do 1º ciclo, o exercício da leitura como meio de fruir textos esteticamente válidos ou atingir o conhecimento a partir de textos informativos é absolutamente necessário. Paralelamente, temos os momentos de descoberta da literatura, que terá já começado no pré-escolar - reside aqui o grande alfofre de futuros leitores militantes -, onde as crianças lêem ou ouvem ler por puro prazer, sabendo de antemão que não haverá, em seguida, exercícios de interpretação

ou de releitura, não falando de outros prolongamentos de ordem plástica ou dramática. Insisto neste ponto: preparar muito bem o ler ou contar histórias, previamente escolhidas de entre as múltiplas propostas que o património universal ou português nos oferecem, com a consciência de que dez ou quinze minutos diários não são tempo perdido, antes um investimento de largos dividendos. Não escolarizemos a literatura! Se têm dúvidas, investiguem a significativa bibliografia que há sobre esta matéria. A par de uma permanente procura de informação, contento-me com os testemunhos que todos os anos vou ouvindo de colegas do pré-escolar e do 1º ciclo, coincidentes com aquela exclamação "Mas, afinal, resulta!". Os que ainda se mantêm na dúvida, proponho-lhes que vão ao Reino Unido, ao Canadá, à Suécia ou à Finlândia perceber por que motivo estão no extremo oposto ao nosso no que respeita à literacia.

61

Em jeito de conclusão, convirá recordar que não há boa prática sem uma boa formação teórica; daí as acções de formação que não se limitam a dizer como se faz, mas a demonstrar porque se faz. Em qualquer sociedade são os adultos que educam as crianças; temos de interiorizar que os professores só serão respeitados se a sua competência e actualização tiverem visibilidade. O improvisado, algo bem português, tem de ser arredado da nossa prática pedagógica - os nossos alunos exigem honestidade e rigor. Trata-se de uma questão ética.

A sobrevivência de Portugal quando o apoio comunitário terminar passa pela qualificação da sua população. Sofremos deste terrível paradoxo - somos o país da União Europeia que mais investe na educação e o que apresenta os mais baixos resultados neste domínio. Os Quinze, na Cimeira de Estocolmo,

voltaram a sublinhar a importância das questões educativas para os próximos dez anos, insistindo na palavra-chave que terá de dominar qualquer política nacional – *eficácia*. Para o nosso país, mais do que para qualquer outro, o tempo urge e só a Escola pode impedir um futuro hipotecado. A eficiência do nosso trabalho como professores é decisiva para reduzir os 47,3% de absoluta iliteracia de que padecemos. Lado a lado com as ciências exactas, temos o domínio das ciências humanas que constroem o indivíduo na sua dimensão humana. Formar bem, e desde muito cedo, as crianças é uma responsabilidade imensa, pois delas dependerá o futuro da nossa sociedade. Embora muitos professores se mantenham cépticos, volto a insistir neste dado: a Literatura Infantil desenvolve as competências linguísticas, emotivas, sociais e cognitivas da criança e a imaginação (que não serve só para fazer composições bonitas) alimenta a criatividade. De que estamos à espera?

Notas

1. Daniel Pennac, *Como um Romance*, Porto, ASA, pág. 19.
2. Inês Sim-Sim et alii, *A Língua Materna na Educação Básica*, Lisboa, Ministério da Educação, 1997, pág. 98.

Pro
do

"A e
dest
É o
anel
(P. C

Intr

Aos
já
des
prim
ano
alici
p o
des
níve
ling
vai
ser
arg
que
pap
rec
soc
sob
de i
às
har
ent
ter
pro
cria
caj
d'e
ana
fan
col
de
de
ca:

As
se